MUIRAQUITÃ
REVISTA DE LETRAS E HUMANIDADES

# VIVÊNCIAS DE FAZER LETRAS: TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS EM UMA DISCIPLINA DE LINGUÍSTICA APLICADA

DOI: 10.29327/210932.13.1-4

Fernando Silvério de Lima
Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Departamento de Letras, Minas Gerais - Brasil
limafsl@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8419-8293

Gleisla Thais Mendes
Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais - Brasil
gleislathaiss@gmail.com
https://orcid.org/0009-0005-3033-6837

**RESUMO:** A presente pesquisa buscou analisar experiências de quatro estudantes ingressantes no curso de Letras da mesma instituição, tendo como foco suas vivências durante a disciplina de Linguística Aplicada. Para isso, foi utilizada a teoria histórico-cultural de Vigotski (2001 [1934], 2018 [2001]), em especial o conceito de *perezhivanie* (vivência), definido como uma experiência emocional atravessada pelo sujeito durante o seu desenvolvimento, a fim de compreender como o ambiente acadêmico e os novos saberes ali introduzidos podem impactar a formação dos estudantes e seu amadurecimento. Durante o primeiro semestre, as aulas foram impactadas pela pandemia de COVID-19, ocorrendo de forma remota e os temas abordados incluíram conceitos de Linguística Aplicada como a geopolítica do inglês, ensino e aprendizagem, globalização, entre outros. No decorrer da disciplina, os participantes compartilharam suas reflexões, destacando mudanças nas percepções sobre ensino, línguas estrangeiras e mundo contemporâneo. A análise das produções escritas ao longo do semestre revela indícios de transformações nas identidades dos estudantes, destacando a importância do curso na formação acadêmica e pessoal entrelaçada em histórias anteriores que revelam a complexidade da vivência (*perezhivanie*) de fazer Letras.

**PALAVRAS-CHAVE**: Linguística Aplicada. Curso de Letras. Vigotski. Perezhivanie. Formação de professores.

## *EXPERIENCES OF STUDYING LANGUAGE: IDENTITY PATHWAYS IN A SUBJECT OF APPLIED LINGUISTICS*

**ABSTRACT:** This research sought to analyze the experiences of four incoming students in a Language degree, focusing on their experiences during the Applied Linguistics course. For this, Vigotski's cultural-historical theory was considered (2001 [1934], 2018 [2001]), as well as the concept of perezhivanie, defined as an emotional experience lived through by the individual during their development, in order to understand how the academic environment shapes the identity of the students and new types of knowledge fostered by such environment. During the first semester, classes were impacted by the pandemic, taking place remotely and the topics covered included Applied Linguistics concepts such as the geopolitics of English, teaching and learning, globalization, among others. During the course, participants shared their reflections, highlighting changes in their perceptions about teaching, foreign languages and globalization. The analysis of their written productions reveals transformations in students' identities, highlighting the importance of the Language course in academic and personal education which in turn are intertwined with past events that make up the complexity of the perezhivanie of studying Letras.

**KEYWORDS**: Applied Linguistics. Letras course. Vigotski. Perezhivanie. Teacher education.

Recebido: 06/05/2024
Aceito: 23/12/2024

CC BY NC ND

ISSN: 2525-5924

## Introdução

A chegada ao ensino superior é uma meta de vida de grande parte da população jovem, de forma que isso se constitui como aspecto identitário dessa faixa etária em nosso país. Segundo dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto Semesp[1] (Exame, 2023) com mais de mil e quinhentos jovens no Brasil, garantir uma vaga na educação superior é de interesse de 80% dos respondentes que buscam, a partir dessa experiência, melhores condições no mercado de trabalho e ascensão social. Todavia, o acesso ainda é uma experiência competitiva e restrita, de forma que as instituições públicas brasileiras (estaduais e federais) não são suficientes para acomodar tantos jovens interessados. A mesma pesquisa (Exame, 2023) indica ainda nos últimos anos o aumento da procura por financiamentos estudantis para estudo em instituições privadas, mesmo que isso resulte em potencial endividamento ou dificuldade financeira ao longo de todo o curso.

O ingresso em um curso de graduação marca o início de uma jornada acadêmica repleta de descobertas, desafios e transformações. Além da expectativa de retorno financeiro, esta etapa da vida se constitui ainda da possibilidade de realização profissional, do desenvolvimento de habilidades e da identificação com áreas de conhecimento específicas. No contexto dessa transição, é fundamental compreender as experiências iniciais dos estudantes, uma vez que as novas experiências nesse novo contexto se revelam como propulsoras da trajetória profissional das gerações futuras.

Entre essa contradição ideal (o desejo de chegar ao ensino superior) e material (a efetiva conquista da vaga, mesmo em face de tantas adversidades anteriormente citadas), a presente pesquisa busca abordar a dinâmica das primeiras vivências nesse novo contexto, analisando as experiências de quatro estudantes de Letras ao longo de uma disciplina de Linguística Aplicada. Para isso, elencamos o curso de Letras[2] como o meio social propulsor do desenvolvimento profissional e, do ponto de vista teórico, resgatamos o conceito de vivência (*perezhivanie*) da psicologia vigotskiana, a fim de compreender como a inserção em um novo contexto social molda suas visões de mundo, podendo ou não impactar também as visões de si, ou seja, nas identidades (Hall, 2006; Norton, 2013) que amadurecem ao longo do primeiro semestre. No curso de Letras, as experiências dos estudantes são permeadas por diversas disciplinas, e neste artigo, destacamos as reflexões surgidas durante uma disciplina de Linguística Aplicada, tendo em vista os temas abordados e as reflexões que esta promoveu logo ao início do curso.

A fim de resgatar a vivência destes alunos, nos apoiamos na teoria histórico-cultural de Vigotski (2001 [1934]; 2018 [2001] e, em especial, no conceito de *perezhivanie* que considera a relação interativa entre o desenvolvimento humano e o papel do meio social. Originário da língua russa e descrito em línguas neolatinas como *vivência* ou *experiência emocional* (Fleer; González-Rey; Lima; Mapa, 2022, 2023; Lima; Mendes, 2024; Toassa, 2009; Veresov, 2017), o termo diz respeito à relação do indivíduo com seu meio, suas

1 O instituto representa instituições privadas de ensino superior do país.

2 Por questões éticas, o curso e sua instituição não terão os nomes divulgados.

reações afetivas e tomadas de consciência ao longo de processos de mudança. Nesse sentido, observamos ainda o papel da vivência na imagem que o sujeito elabora de si (e que é atravessada pela visão do outro), ou seja, sua identidade (Huh; Kim, 2021).

Assim, esse profícuo diálogo do campo da Linguística Aplicada (LA) (Mok, 2015; Cassemiro, 2020; Huh; Kim, 2021; Lima, 2017; Lima; Mapa, 2022, 2023; Lima; Mendes, 2024) com a obra vigotskiana (2001 [1934], 2018 [2001]), em especial nas relações de ensino e aprendizagem visando o desenvolvimento cultural, pode contribuir para o entendimento de um perfil qualitativo de quem está presente nas salas de aula do ensino superior, de forma que as instituições e corpo docente que compõem o ensino superior possam (re)pensar estratégias de formação, sendo mais sensíveis às lacunas contemporâneas que se evidenciam e também aos potenciais que ali estão presentes.

Para a construção de um estudo qualitativo com foco na subjetividade da experiência humana, tomamos como base as perspectivas teórico-metodológicas da pesquisa narrativa (Webster; Mertova, 2007), dado seu potencial metodológico e ampla utilização em contextos culturais diversos, em especial contextos educacionais e formativos (Barkhuizen, 2014; Elliot, 2005; Kitchen; Parker; Pushor, 2011; Trahar, 2011). Assim, o corpus foi constituído de narrativas e outras produções textuais (ensaios, resenhas, postagens em fóruns de discussão etc.) produzidas ao longo de uma disciplina introdutória do curso de Linguística Aplicada, o que nos possibilitou visualizar alguns indícios de tomada de consciência sobre experiências anteriores confrontadas com os novos saberes constituídos no novo curso.

O presente artigo está organizado em cinco seções, das quais a primeira é este preâmbulo. Na segunda seção, de revisão teórica, propomos uma contextualização do conceito de *perezhivanie*, advindo da psicologia vigotskiana, para o diálogo com estudos contemporâneos em Linguística Aplicada sobre a experiência de fazer Letras (Lima, 2017; Lima; Mapa, 2022, 2023; Lima; Mendes, 2024). As intersecções entre as áreas nos possibilitam ainda uma aproximação com a questão da identidade, uma vez que este aspecto também é atravessado pela relação dinâmica entre o contexto social e a vida individual (Hall, 2006; Norton, 2013). Posteriormente, na terceira seção, delineamos a constituição metodológica do estudo, focalizando os procedimentos éticos e a geração dos dados. Dando continuidade, na quarta seção apresentamos uma análise de dados em quatro subseções, com foco nas narrativas dos participantes Cacau, Mauro, Santos e Luana, que buscam mostrar a dinâmica das vivências no primeiro semestre do curso de Letras. Esse fenômeno (*perezhivanie*) é analisado a partir das diferentes fontes narrativas que resgatam: I) a relação dialética entre os conhecimentos cotidianos que integram o conhecimento dos alunos que chegam ao ensino superior em contraste com novos conhecimentos abordados já nas primeiras etapas de formação e II) a visão dos participantes sobre essas primeiras experiências e possíveis impactos (ou não) em sua constituição identitária como sujeito. E, na quinta e última seção, concluímos com algumas implicações para a pesquisa futura, tendo em vista o diálogo interdisciplinar aqui realizado.

Pesquisas no campo da Linguística Aplicada (LA) se destacam não apenas por seu caráter indisciplinar, ao transitar por diferentes áreas do conhecimento e retornar ao seu campo para produção de saberes específicos sobre a linguagem presente nas relações sociais, mas também pelo potencial indisciplinar (Moita Lopes, 2006), uma forma transgressiva de articular temas e referenciais distintos (Pennycook, 2021). Segundo Moita Lopes e Fabrício (2019) essas proximidades críticas fazem sentido frente ao cenário contemporâneo marcado por desigualdades, rupturas nas quais fazer pesquisa significa repensar categorias historicamente influenciadas pelo paradigma moderno que preza pela objetividade e pela busca de verdades absolutas. Fazer LA na contemporaneidade é ressignificar a relação do pesquisador com as pessoas que integram esses estudos, bem como pensar mais amplamente questões que envolvem as subjetividades dessas pessoas que são atravessadas pela linguagem. Na tentativa de contribuir com essas aproximações, propomos nessa seção um diálogo da Linguística Aplicada com a psicologia histórico-cultural de L.S Vigotski e os estudos culturais de Stuart Hall para pensar a formação do profissional de Letras.

Em uma de suas principais obras traduzidas no Brasil, Vigotski (2001 [1934]) buscou abordar uma das principais inquietações do campo psicológico que também impacta os estudos linguísticos, a formação da consciência a partir da relação entre pensamento e linguagem. Nos capítulos finais dessa obra, o psicólogo propôs extensas revisões e hipóteses sobre o fenômeno do pensamento conceitual em crianças e adultos. De maneira sucinta, ele explicou o potencial da palavra na generalização da experiência humana sob a forma de conceitos. Todavia, indicou ainda que dentre os diferentes conceitos que utilizamos nas interações humanas, podemos considerar dois tipos mais amplos. De um lado, os *conceitos cotidianos* (ou espontâneos, emprestando a terminologia de Piaget, da qual Vigotski (2001 [1934]) faz uma ampla revisão crítica) que correspondem às generalizações que o sujeito constroi a partir de sua realidade empírica e dos fenômenos que o cercam. Por outro lado, os *conceitos científicos* são constituídos do amadurecimento dos conceitos cotidianos do sujeito e, em nossa cultura, têm como principal meio para desenvolvimento os contextos educacionais.

Segundo Vigotski (2001 [1934], p.266) os conceitos científicos "[...] surgem e se constituem no processo de aprendizagem escolar por via inteiramente diferente que no processo de experiência pessoal". É importante frisar que seu trabalho destacou o desenvolvimento infantil, no qual a escola (enquanto um dos possíveis contextos educacionais de nossa cultura) desempenha um papel fundamental de introdução desses novos tipos de conceitos. Todavia, vale lembrar que outros contextos de aprendizagem formal (comparado ao informal da vida cotidiana) também emergem e impactam o desenvolvimento do sujeito na vida adulta, como é o caso do ensino superior, que será abordado mais adiante. De volta aos conceitos científicos, estes se originam não apenas do amadurecimento da contrapartida cotidiana, mas da mediação desses conceitos anteriores, uma

vez que ao invés de apenas retratar fenômenos, os conceitos científicos apresentam uma ordem de organização mais abstrata, ou seja, são conceitos relacionados a um sistema de outros conceitos e ideias.

Podemos ilustrar essa afirmação, apresentamos um exemplo advindo do próprio texto de Vigotski (2001 [1934]). O conceito de "irmão" pode ser formado na infância a partir da experiência de que ao ter irmãos, o ser aprende a generalizar nessa palavra a relação afetiva de conviver com outras pessoas que fazem parte da sua família, mas que integram uma categoria diferente da dos pais adultos (responsáveis por sua criação), ou de seus bichos de estimação, para o qual aprenderão outro conceito. Ao chegar no ambiente escolar, a relação com esse conceito cotidiano se transforma, abrindo caminho para a formação dos conceitos científicos. A forma como o sujeito se relaciona com a linguagem nesse período é amplamente empírica e intuitiva e a resposta disso vem dos experimentos clássicos de Piaget sobre as expressões adversativas. Se de um lado, uma criança é capaz de construir enunciados que revelam ideias de oposição e contrariedade para expressar o que sente, do outro, ainda não demonstra consciência para explicar ou justificar essas escolhas. Essas relações são amadurecidas posteriormente na escola, quando a instrução (no sentido do termo russo *obutchénie*, de aprender ao ser ensinado por alguém) abre espaço para novas relações com a linguagem, ou como sintetiza Vigotski (2001 [1934], p.272), "a tomada de consciência passa pelos portões dos conceitos científicos". Assim, o conceito de irmão pode adquirir uma nova dimensão, a relação fraterna com outras pessoas não vinculadas ao seio familiar imediato, ao compreender que os laços se ampliam, por exemplo, para relações culturais de Estado Nação (a identidade de ser brasileiro, um traço de semelhança que os une como irmãos, ainda que diferentes) e de cidadania (de amplo respeito às diferenças, de solidariedade e cooperação com pessoas não diretamente relacionadas ao sujeito).

Ainda que distintos na maneira como são construídos, os dois tipos de conceitos na obra vigotskiana resgatam um fenômeno mais amplo anteriormente citado: o pensamento conceitual. Assim, não são formas distintas que se excluem, pelo contrário, pois ambos cooperam para a maneira como as pessoas se relacionam com a linguagem. No campo da Linguística Aplicada, os conceitos cotidianos e científicos têm sido resgatados principalmente em estudos voltados para o campo da formação de professores, como é o caso do curso de Letras. Cassemiro (2020), por exemplo, investigou de que maneira professores de língua inglesa constroem conhecimentos teórico-práticos no curso de Letras a partir da relação entre os conceitos cotidianos que os universitários trazem consigo para os cursos de formação, bem como os conceitos científicos que adentram as diferentes disciplinas e o estágio supervisionado. Em seus resultados, a pesquisa evidenciou a prevalência dos conceitos cotidianos, de forma que os conceitos científicos, por serem mais abstratos, se evidenciam como menos presentes na forma como os futuros professores elaboram a própria profissão e a futura prática pedagógica.

Como asseverado anteriormente por Lima (2017), essa relação entre conceitos cotidianos e científicos na vida adulta é marcada por grande complexidade. De um lado, ela mostra a segurança que os primeiros oferecem pelo fato de serem atravessados por experiências anteriores vivenciadas e marcadas por diferentes emoções (o que explica o senso de segurança que elas transmitem). Por outro lado, traz como desafio a necessidade de compreender quais lacunas estão presentes no curso de Letras, por exemplo, para que os conceitos científicos permaneçam distantes do pensamento conceitual desses futuros professores. Em resumo, essas pesquisas emergem com grande potencial de contribuição a um debate antigo, mas sem respostas, de como encontrar alternativas de superar o distanciamento entre teoria e prática da formação inicial (Lima, 2017; Lima; Mapa, 2022, 2023; Lima; Mendes, 2024).

Um segundo ponto, ainda na teoria de Vigotski (2018 [2001]) e que mencionamos rapidamente é o papel das experiências vivenciadas pelo sujeito e a tonalidade emocional que as atravessa. Dito de outra forma, estamos nos referindo aqui ao conceito russo *perezhivanie*, também desenvolvido por Vigotski (2018 [2001]) ao fim de sua carreira. De acordo com Blunden (2015), a complexidade de tradução do termo revela ao mesmo tempo o receio de criar uma categoria hermética e de não apreender com profundidade o seu sentido. Enquanto na língua inglesa o termo é comumente compreendido como *experiência emocional*, na língua espanhola e portuguesa o termo é frequentemente traduzido como *vivência* (Lima; Mendes, 2024; Toassa, 2009), ao passo que uma tendência contemporânea tem sido resgatar o termo em russo (Veresov, 2017), como faremos aqui também. Para Vigotski (2018 [2001]):

> Os momentos essenciais para definição da in□uência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente, são a *vivência*. A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a in□uência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua in□uência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança (Vigotski, 2018, p.74, ênfase no original).

Assim, a *perezhivanie* é caracterizada por momentos da trajetória de desenvolvimento, mas esses não são eventos isolados do desenvolvimento. O conceito considera a relação entre o meio social e a experiência subjetiva que refrata esses momentos, ou seja, não incluem apenas o ato de passar por uma experiência, mas a tomada de consciência da mesma, de forma que o sujeito é capaz de compreender e até responder aos desafios que esses momentos propõem. Para Smirnova (2023, p.6), a *perezhivanie* captura "[...] as tensões entre os dois lados no processo dialético de mudança, isto é, as tensões entre o contexto enquanto social, e os processos de pensamento individual"[3]. É do embate entre o social e o individual que o desenvolvimento humano aflora. De maneira semelhante,

3 No original: "the tensions between two essential sides in the dialectical process of change, that is, the tensions between the context as social, and individual thought processes. As traduções do inglês para o português foram realizadas pelos autores do artigo.

Fleer et al (2016, p.127) resgatam o aspecto tensional da *perezhivanie* para ilustrar como o conceito nos ajuda a "[...] explicar como o mesmo ambiente pode ser experienciado diferentemente"[4]. Ou seja, por mais que a cultura seja um aspecto compartilhado por pessoas que se identificam e se relacionam por diferentes razões (Hall, 2006; Norton, 2013), a experiência individual de ali viver não necessariamente será a mesma, e é a vivência de cada sujeito (a sua *perezhivanie*) que desempenha um papel essencial em como as mudanças na própria vivência ou no próprio ambiente serão percebidas, pois, no fim, afetam seu desenvolvimento.

No campo da Linguística Aplicada, a *perezhivanie* emergiu em diferentes estudos do campo de ensino e aprendizagem de línguas nas últimas décadas (Mok, 2015; Huh; Kim, 2021; Lima; Mapa, 2022, 2023; Smirnova, 2023; Lima; Mendes, 2024), tendo em vista seu potencial de estudo da relação entre o meio social e os indivíduos que ali se envolvem em diferentes atividades. De acordo com Mok (2015, p.151), estudar a perezhivanie das pessoas nos leva à perspectiva êmica de pesquisa, "[...] uma que seja sensível às experiências subjetivas"[5] das diversas práticas sociais que organizam nossa cultura (estudo, trabalho, lazer, dentre outras). Essa perspectiva êmica nos leva de volta às proximidades críticas contemporâneas que atravessam o fazer científico em LA, tendo vista dois pontos fulcrais. Primeiro, resgatando Moita Lopes e Fabrício (2019), é necessário situar a localidade da produção de conhecimento e reconhecer as subjetividades – de quem pesquisa e com quem se pesquisa. E em segundo lugar, pesquisas sobre linguagem na vida cotidiana se voltam para seu papel na vida social, as relações desiguais que atravessam o que os autores chamam de *perplexidades sociais* (o preconceito, a desigualdade, a pobreza, a exclusão, a violência, apenas para citar alguns exemplos) que se configuram ora a partir de rupturas ou enquanto sinais de transição da vida moderna[6].

Dentro dessa temática, poderíamos concluir que o estudo de uma perspectiva que reúne a relação entre meio social e experiência individual seria suficiente para o escopo de nossa investigação. Todavia, é importante ter em mente que estudos contemporâneos sobre a subjetividade das pessoas, e sua relação com a cultura foi além e passou a incluir o tema da identidade, um conceito pouco explorado na época em que Vigotski desenvolveu seus estudos em psicologia. Como nos explica Toassa (2009), a psicologia do século XX se ocupava principalmente de outras categorias, como a consciência e a personalidade, que mesmo compatíveis com as discussões contemporâneas, pouco traziam a questão da identidade, como por exemplo, os Estudos Culturais, a Antropologia e a própria LA.

Neste aspecto, cabe destacar a grande importância de Stuart Hall, ao revisar criticamente o papel das identidades individuais e culturais na pós-modernidade. Posteriormente descrita pelo autor como modernidade tardia, ela reflete o fato de que a moderni-

4 No original: "explain how the same environment can be experienced differently".

5 No original: "one that is sensitive to the subjective experiences of the learner".

6 Concordamos com Moita Lopes e Fabrício (2019) sobre o uso da modernidade para refletir o período histórico da vida contemporânea, marcado pelo avanço tecnológico que impacta as relações humanas no cenário globalizado, também descrito como modernidade recente ou modernidade em transição. Sabemos, no entanto, que outros autores adotam outros termos como pós-modernidade, dentre outros.

dade em si não foi totalmente superada (como uma interpretação rápida de pós-moderno poderia sugerir). Hall (2006, p.14) explica que as sociedades modernas se caracterizam por "mudança constante, rápida e permanente", algo que as coloca em oposição às chamadas sociedades tradicionais. E, por sua vez, essas mudanças acontecem em face do ritmo acelerado dos eventos e das informações que se tornam disponíveis às sociedades por meio do processo de globalização. Nesse cenário, tivemos ainda os movimentos sociais que alavancaram o tema contemporâneo das identidades. Segundo Hall (2000, p.111-112), o conceito de identidade serve para:

> significar o ponto de encontro, o ponto de *sutura,* entre, por um lado os discursos e as práticas que tentam nos "interpelar", nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode "falar".

Ainda que de campos distintos de conhecimento, o conceito de identidade, assim como o de *perezhivanie* reconhecem a complexa relação entre a experiência subjetiva do ser e a influência da vida social nessa constituição. A contribuição de uma dimensão de identidade, neste caso, é o de expandir o aspecto subjetivo e incluir os discursos que nos atravessam, os quais emergem de uma vida social repleta de valores e ideologias (Pennycook, 2021). O desafio, no entanto, é o de encontrar formas de articular os dois conceitos na pesquisa contemporânea, uma vez que existem poucos estudos sobre essa temática.

Para destacar um desses exemplos, recorremos ao estudo de Huh e Kim (2021) que relaciona o desenvolvimento de identidades em segunda língua (L2) em diálogo com o conceito de *perezhivanie.* A pesquisa teve como foco a experiência de duas estudantes universitárias da Ilha Jeju na costa Sul-Coreana, chamadas Hyun e Song. Ambas falavam coreano como primeira língua e aprenderam inglês como língua estrangeira. Por serem de origem humilde e estudarem em contextos marginalizados de sala de aula (não prestigiados na cultura afluente), as jovens tiveram de lidar com estigmas e conflitos relacionados à aprendizagem de inglês dentro e fora da sala de aula, resultando no que Huh e Kim (2021) chamam de *tensões identitárias*. Ao tentar lidar com essas contradições, a vivência daquelas experiências se viu afetada, motivando tentativas de aprender inglês e de buscas de desenvolvimento profissional. Ao mesmo tempo, o estudo ressaltou a individualidade de cada participante, ao apontar que as contradições significavam coisas diferentes para cada uma, no mesmo contexto de vivenciar a experiência universitária conflituosa, o que possivelmente impactou as identidades de formas diferentes.

Dessa forma, estudar a *perezhivanie* nos ajuda a situar socialmente como os indivíduos constituem suas identidades a partir dos eventos e interações que constituem seus modos de vida. E, a partir dos relatos que apresentaremos a seguir, podemos compreender também como as contradições vividas nos contextos da escola e da universidade (marginalizado/prestigiado) impactaram as identidades que elas construíram enquanto aprendizes de inglês. Isso, por sua vez, reitera Norton (2013, p.1),nos alerta que "a iden-

tidade é influenciada por práticas comuns às instituições como lares, escolas, locais de trabalho, bem como recursos disponíveis, sejam eles simbólicos ou materiais"[7].

Assim, a partir dos três pontos aqui abordados, acreditamos ser necessário compreender como eles se integram ao nosso objetivo de estudo que é a vivência de estudantes de Letras e possíveis processos de mudança que integram essa trajetória. Ao concebermos o curso de Letras como um dos meios sociais que possibilitará a construção de novos saberes profissionais (ou novos conceitos científicos), precisamos reconhecer a importância dos saberes experienciais (ou conceitos cotidianos) que eles (os alunos) trazem de momentos anteriores. Conhecimentos esses que se formaram a partir da vivência (*perezhivanie*) em outros contextos de vida e que se fazem presentes agora nas salas de aula. Além disso, ao entendermos que a vivência integra o caráter individual da experiência humana frente às interações da vida social (e os desafios que ela trará), podemos concluir que o curso de Letras ao mesmo tempo em que favorece a construção de novos saberes, atravessará a vivência pessoal/profissional desses sujeitos impactando nas trajetórias de desenvolvimento. E a identidade, por sua vez, contribui em uma perspectiva ampliada de compreender os impactos dessas vivências na perspectiva dos sujeitos, ou seja, como os sujeitos se enxergam ao longo do processo. Dessa forma, um novo desafio é o de encontrar metodologicamente, caminhos para o estudo dessa subjetividade. E isso nos leva, a seguir, a detalhar nosso percurso a partir da pesquisa narrativa.

## Metodologia

Os dados aqui apresentados integram um projeto mais amplo desenvolvido por pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa LAEHC (Linguística Aplicada e Estudos Histórico-Culturais da Universidade Federal de Ouro Preto. O estudo tem como objetivo analisar as experiências de quatro estudantes de Letras, focalizando suas vivências durante a disciplina de Linguística Aplicada. O estudo contou com dezenove participantes e como parte dos procedimentos éticos, foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Ouro Preto incluindo a apreciação dos instrumentos de geração de dados, além de critérios como o uso de pseudônimos para preservação das identidades.

Após essa etapa inicial, vários estudantes de Letras da mesma universidade onde o grupo é sediado foram convidados por e-mail para contribuir ao estudo qualitativo a partir de duas possibilidades: compartilhar textos pessoais diversos escritos durante o primeiro semestre de curso e elaborar uma narrativa de experiência com foco em eventos pessoais e histórias sobre aprendizagem de línguas e a chegada ao curso de Letras. Tendo em vista que no primeiro período os estudantes de Letras cursaram uma disciplina de Linguística Aplicada que envolvia a produção de textos diversos durante o contexto pandêmico (comentários críticos, atividades de análise multimodal, postagens em fóruns, ensaios teóricos etc.), os participantes teriam várias opções de textos que poderiam compartilhar. Ao fim, entre uma média de cento e vinte (120) estudantes convidados, de-

7 No original: "identity is influenced by practices common to institutions such as homes, schools and workplaces, as well as available resources, whether they are symbolic or material".

zenove (19) deles formalizaram o interesse de colaborar com o estudo e posteriormente assinaram termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Em seguida, os dados foram compilados e organizados em ordem semelhante ao desenvolvimento da disciplina cursada, uma vez que os textos abriam espaço para reflexões pessoais, além do engajamento com outros textos e teorias estudadas. Ao longo das leituras iniciais realizamos o tratamento dos dados, o que incluiu a troca dos nomes originais pelos pseudônimos escolhidos pelos próprios participantes, bem como a revisão de nomes de lugares e instituições que pudessem identificá-los.

Ainda que os dados sejam interpretados em um contínuo narrativo interconectado, para fins didáticos podemos observar dois pontos centrais na narrativa: i) histórias anteriores, experiências pessoais e relatos sobre a tomada de decisão pelo curso de Letras e ii) expectativas sobre o curso, primeiras experiências e reflexões sobre o curso ao final do primeiro semestre. Por questões de espaço, neste artigo focalizaremos quatro dos perfis narrativos que foram escolhidos para representar não apenas as diversidades subjetivas entre si, mas também dentro do curso de Letras.

Os quatro participantes cursaram a mesma disciplina juntos, mas eram de cursos distintos. São eles: Luana (Licenciatura em Letras – Inglês) Cacau (Bacharelado em Tradução), Mauro Lúcio e Santos (ambos Licenciatura em Letras – Português). A disciplina de Linguística Aplicada foi realizada ao longo de quinze semanas letivas com dois encontros semanais. Os conteúdos versaram sobre tópicos como: a) conceitualização da Linguística Aplicada como campo de conhecimento e sua historiografia; b) Geopolítica linguística e o mundo globalizado; c) o impacto do Inglês como Língua Franca (ILF/ELF); d) Conceitos de Linguagem, Língua, Ensino e Aprendizagem; e) Relações de poder e formas de violência pela linguagem e f) Relações entre linguagem e identidade.

Durante a compilação dos dados narrativos, os textos foram organizados para cada estudante, de modo a obter perfis subjetivos que posteriormente compõem um panorama mais amplo de estudantes da mesma instituição. Dada a extensão dos dados narrativos, as análises aqui apresentadas são compostas por vinhetas que resgatam a vivência (*perezhivanie*) de fazer Letras. A pesquisa narrativa se mostra adequada aos propósitos metodológicos pela forma como abre espaço para as individualidades que compõem os processos de ensinar e aprender (Elliott, 2005; Kitchen; Parker; Pushor, 2011 Barkhuizen, 2014; Lima, 2017), e por capturar relatos de mudança enquanto elas são vivenciadas pelo sujeito. Igualmente, se mostra coerente com uma perspectiva teórica defendida anteriormente que articula formas contemporâneas e críticas de analisar dados qualitativos, pois como nos lembra Mok (2015, p.141), o conceito de *perezhivanie* se constitui ainda como "[...] ferramenta para reconceitualizar seus dados dentro da perspectiva da teoria histórico-cultural e teoria sociocultural"[8]. Portanto, na próxima seção apresentaremos as narrativas de modo a recontar histórias dos quatro participantes, considerando os dois

8 No original: "tool for reconceptualizing their data within the theoretical framework of CHT and sociocultural theory".

pontos anteriormente elencados na vivência de fazer Letras: a) os eventos que culminaram na chegada ao curso e b) as primeiras impressões e reflexões sobre fazer Letras.

## Análise de dados: um preâmbulo narrativo

Como dito anteriormente, diversos motivos podem fazer parte da trajetória de fazer Letras, alguns inclusive apontados por estudos de LA nos últimos anos (Lima, 2017; Lima; Mapa, 2022, 2023; Lima; Mendes, 2024). E na primeira etapa deste estudo, buscamos mapear alguns dos eventos que culminaram nessa escolha rumo ao ensino superior. Por questões de escopo, não será possível abordar esses dados qualitativos extensivos, todavia, antes de iniciarmos a análise focalizando algumas das possíveis tomadas de consciência ao longo do primeiro semestre de curso, propomos um rápido panorama dos quatro perfis que integram a pesquisa (Cacau, Mauro Lúcio, Santos e Luana).

Em linhas gerais, nossos participantes são jovens, nascidos no início dos anos 2000, e possuíam a presença tecnológica e da língua inglesa como algo comum na vida cotidiana. Entre os eventos que se destacam nos relatos, foi possível perceber que a vivência de cada participante foi atravessada por sua relação com o meio social, notadamente a presença dos familiares e, em seguida, experiências escolares marcantes com diversos professores. No período posterior da adolescência, fase em que a ida para o ensino superior se torna uma meta, a escolha pelo curso de Letras não se mostra algo fácil nem direto. Pelo contrário, os discursos que atravessam a escolha são marcados por estereótipos que subestimam e inferiorizam o curso, focalizando o baixo retorno financeiro, pouca aplicabilidade ou desvalorização do campo profissional de Letras. Mesmo assim, as narrativas revelam, cada uma a seu modo, que a decisão pelo curso é marcada por uma tomada de consciência: mesmo em face dos discursos desmotivadores, o apreço pela área profissional prevalece e os quatro participantes chegam na mesma instituição. As vivências aqui relatadas sinalizam a abertura de espaço para a construção de uma identidade marcada por relações afetuosas com o campo da linguagem (leitura, escrita, aprendizagem de línguas, literaturas) e uma chegada ao curso repleta de expectativas. A seguir, propomos uma análise desses processos dinâmicos vivenciados no primeiro semestre do curso.

## Reflexões sobre primeiras experiências no curso de Letras – Cacau

Ao chegar no curso de Letras - Tradução, Cacau acreditava que, para ser capaz de se comunicar de verdade em língua inglesa era preciso soar como um nativo. Sua mudança de pensamento, porém, se deu durante a disciplina de LA ao refletir sobre conceitos como o de Inglês como Língua Franca (ILF), que advoga em favor de um aprendizado multicultural, onde países como os Estados Unidos e Inglaterra não podem e não devem ser as únicas referências de um idioma falado globalmente por pessoas de todos os tipos e em diferentes países (Longaray; Lima, 2010; Pennycook, 2021). A estudante pôde perceber que termos como "inglês certo" ou "inglês errado" são ideias excludentes de uma realidade multicultural globalizada. A importância está em compreender e ser compreen-

dido enquanto seus falantes se mantêm confortáveis com o uso da língua (e para os mais diversos fins). Sua mudança de pensamento também se deu no âmbito do ensino:

> **Vinheta 1**
> *O conceito de Ensino foi o que mais sofreu mudanças para mim, principalmente porque a minha experiência com a escola* ***não foi muito agradável****, (...) O Ensino Médio foi* ***a pior parte da minha vivência*** *em sala de aula e* ***isso me traumatizou de uma maneira muito intensa****, influenciando, também, na minha escolha de curso, hoje faço bacharelado em tradução. (...). Por causa desses preconceitos, a minha visão sobre o Ensino era completamente deturpada e sombria.*
> (Ensaio sobre Identidade - Grifos nossos)

É importante observar que para ela, o sentido do que é *ensino* é construído a partir de suas experiências anteriores (traumáticas). Logo, o ensino não se torna uma área de interesse para essa estudante de Letras. Todavia, os relatos de experiência na disciplina universitária mostram outra dimensão de sentido naquele contexto. Do ponto de vista emocional, é importante observar o significado dos termos "não foi muito agradável", "pior parte" e "traumatizou", usados para descrever sua visão sobre o sistema de ensino. Os adjetivos usados por Cacau ditam a temática não afetuosa de seu desenvolvimento e em como ela se sentiu e interpretou os acontecimentos da época. O ensino passou a ter para a estudante um novo significado, uma vez que, ele passou a refletir em sua consciência de uma maneira diferente. No recorte seguinte é possível observar outra mudança de entendimento, neste caso, sobre a globalização, outro fenômeno estudado ao longo da disciplina e que a faz pensar sobre sua experiência cotidiana:

> **Vinheta 2**
> *Quando eu era mais nova, acreditava que a Globalização era algo contemporâneo, novo, porque é essa a mensagem veiculada pela mídia. A Globalização seria algo atual, criado com o propósito de unir todas as nações em uma só, tornando a interação entre todos os povos mais acessível, de benefício mútuo. Mas quando comecei a aprofundar meus estudos sobre o fenômeno percebi que, na verdade, a Globalização é algo que vem ocorrendo há muitos séculos, tendo seu primeiro impulso com as Grandes Navegações. Foi forjado e imposto em continentes inteiros, destruiu línguas, culturas e povos, destruiu mares e rios, extinguiu faunas e floras, tudo em nome do "progresso". Que progresso é esse que destrói o mundo em que vivemos?*
> (Ensaio sobre globalização)

O relato da estudante exemplifica a transição entre as duas fases da globalização conceituadas pelo geógrafo brasileiro Milton Santos. Em seus estudos, Santos (2001) apontou a globalização como tendo uma primeira fase, chamada "globalização como fábula", que é a versão positiva que o mundo busca vender, e uma segunda, a qual ele deu o nome de "globalização como perversidade", que é o fenômeno em sua forma real, com suas muitas contradições. Neste trecho, é possível observar a mudança no entendimento da jovem em relação ao conceito e em como ela construiu para si um novo sentido sobre ele por meio da linguagem. Em outro momento do texto, ela aborda algumas dessas con-

tradições ao relembrar episódios da pandemia, uma experiência recente para ela naquele momento.

> **Vinheta 3**
> (...) *Visando sempre o lucro das empresas, até o oxigênio está em falta nos hospitais, e não é porque ele está em escassez na natureza, até mesmo cogitar essa alternativa soa completamente ridículo.*
> (Ensaio sobre globalização)

A reflexão de Cacau ao estudar sobre a globalização nas aulas de LA ecoa o que estava acontecendo no Brasil naquele período. A estudante escreve seu ensaio refletindo sobre a crise da falta de oxigênio em Manaus que ocorreu no início de 2021, um colapso que causou mais de 4,000 mortes. Durante a segunda onda de COVID-19, a capital amazonense se viu diante do caos ao ficar sem estoque de tanques de oxigênio, o que agravou a morte de muitos pacientes internados para desespero de seus familiares (Schimidt, 2021). Em seguida, a estudante contempla criticamente em seu texto, a problemática do negacionismo científico que ocorreu em diversos países, incluindo o Brasil, e faz uma ligação entre a globalização e a difusão em massa destes discursos. Ao final, ela diz acreditar na necessidade de uma repaginação de alguns conceitos da sociedade moderna, e em concordância com o conceito de "globalização como possibilidade" (Santos, 2001), Cacau afirma acreditar na construção de um mundo interligado baseado no respeito e no desprendimento da ganância e da opressão.

Ao longo das narrativas de Cacau, ela nos informa sobre os diversos acontecimentos após sua entrada no curso de Letras Tradução. Fomos capazes de observar durante este processo, o amadurecimento da estudante no que diz respeito a vários conceitos que cercam a sociedade e vida cotidiana, a globalização sendo um deles. Notamos que a mudança no conceito de ensino é um evento muito importante em sua vivência, uma vez que trazia consigo uma carga negativa sobre o assunto devido às suas experiências escolares. Em linhas gerais, a vivência da jovem na graduação permitiu que ela descobrisse novas habilidades e fosse uma nova versão de si, transformando sua identidade. O que vai de acordo com os pressupostos de Hall (2006) e Norton (2013), de que nossas identidades não são fixas, e enquanto sociedade, convivemos com vários grupos sociais e em cada grupo somos convidados a desempenhar um papel. É importante observar também como a estudante é capaz de se apropriar de um conceito teórico (científico) para pensar questões da vida cotidiana. Além de seu olhar crítico, vale considerar também as discussões e temas trabalhos em sala. Neste caso, além da leitura de artigos, os estudantes assistiram ao documentário de 2006 intitulado "Encontro com Milton Santos – O mundo global do lado de cá", que aborda a temática.

### Reflexões sobre primeiras experiências no curso de Letras – Mauro

Mauro Lúcio, da Licenciatura em Língua Portuguesa, disserta sobre vários temas durante a disciplina de LA, um deles sendo a relação entre o ensino-aprendizagem do inglês e seus problemas na sociedade brasileira.

**Vinheta 4**

*O ensino da língua inglesa no Brasil ainda é muito restrito à iniciativa privada. Os cursinhos de idiomas fazem fortuna com a disseminação do inglês. Há uma necessidade de o governo brasileiro investir na inclusão da língua estrangeira - seja ela qual for - nos currículos educacionais. Essas aulas existem, mas os professores ainda portam grandes dificuldades em lecionar, em especial nas escolas públicas.*

(Ensaio sobre a presença de Língua Inglesa no Brasil)

O estudante, apesar de ter frequentado cursos privados de idiomas, reconhece que o ensino da língua ainda é uma experiência dispendiosa, sendo assim de difícil acesso. O ensino na escola pública traz consigo, entre muitos problemas, dificuldades orçamentais, didáticas e estruturais que influenciam o professor e, em especial, os alunos, resultando em complicações e, com grande frequência, em um ensino aquém do esperado. A falta de aprendizagem, no entanto, acontece não só em disciplinas de língua estrangeira, mas em todas as outras. Em um estudo de caso, Pezzini e Szymanski (2007) discutem e relatam sobre experiências de alguns estudantes e os motivos por trás da falta do desejo de aprender. Os exemplos são variados e incluem problemas físicos na estrutura da escola e a falta de professores, assim como o despreparo de alguns desses docentes, o que influencia diretamente no processo de aprendizagem dos alunos e na visão que constroem sobre ensino (como visto na narrativa anterior).

Ao discutir sobre o ensino de Inglês, Mauro considera as próprias experiências e comenta, assim como Cacau, sobre algumas problemáticas como o medo de falar errado e o desejo de soar como um nativo, trazendo consigo questionamentos interessantes, como mostra o excerto a seguir.

**Vinheta 5**

*Há beleza em todas as formas de se falar a língua, porque elas são únicas e representam as origens de cada um. A cultura americana já se impõe das mais diversas formas na nossa sociedade – das músicas que escutamos, como nos alimentamos e como nos vestimos. Ela não precisa ditar também a nossa forma de falar.*

(Ensaio sobre Inglês como Língua Franca - ILF)

Neste trecho, Mauro reforça a ideia e a importância dos diversos sotaques existentes, uma vez que estes representam nossa cultura e não deve ser algo pelo qual devemos nos sentir envergonhados. Ao longo do curso, o conceito de ILF foi introduzido como um termo desconhecido para a maior parte da turma. Ainda que outros conceitos como globalização fossem mais facilmente compreendidos (também por já terem feito parte da aprendizagem escolar), para a grande surpresa da turma, o fato da língua inglesa se firmar como o idioma mais falado do mundo, ocupando diferentes posições (e recebendo vários nomes), trouxe uma nova dimensão para estudantes que estudaram inglês a vida toda, mas nem sempre refletiam sobre isso (Pennycook, 2021). Tendo esses valores em vista, o processo de ensino deve buscar valorizar o ensino multicultural de acordo com os conceitos de inglês como LF para que problemas como a xenofobia e a violência pela linguagem sejam cada vez menos recorrentes em nossa sociedade (Longaray; Lima,

2010). Para exemplificar, o estudante traz o exemplo do grupo sul-coreano BTS e em como os membros são acolhidos ao se comunicarem em inglês, uma vez que, nem todos são fluentes no idioma.

O BTS teve sua estreia no ano de 2013 e com suas músicas, logo conquistou uma legião de fãs em todo o globo. Ao decorrer dos anos, os artistas foram capazes de consolidar sua carreira e se tornaram um dos mais importantes e famosos do gênero musical *K-POP* (pop coreano), abrindo as portas para o hermético mercado ocidental (especialmente o norte-americano). O sucesso proveniente dos sete membros permitiu com que alcançassem feitos importantes, como por exemplo, serem os primeiros artistas coreanos a se apresentarem e serem indicados ao *Grammy* (premiação realizada pela Academia de Gravação, nos Estados Unidos, e tem como objetivo premiar artistas que se sobressaíram na indústria musical). A entrada dos coreanos no mercado ocidental é, porém, uma grande exceção e essa abertura não ocorre com tanta frequência. Por se tratar de um grupo de alcance global, mas que mantém traços de sua cultural local (o coreano, os costumes, a estética etc.), o uso da Língua Inglesa para fins de comunicação é necessário e recai ao Inglês como Língua Franca (ILF), fator que se relaciona com a fala de Mauro.

Para o estudante, a aprendizagem de uma língua estrangeira, neste caso o inglês, deve ser uma zona livre de julgamentos e preconceitos, o que fará com que seus falantes não se sintam acanhados ao se comunicarem e criem apreço pelo idioma que é hoje o mais falado mundialmente. Ele conclui o ensaio ponderando que as discussões com os colegas durante a disciplina favorecem uma visão mais ampla de qual inglês é falado no mundo.

Os temas tratados permitiram que o estudante se aprofundasse em tópicos até então desconhecidos e/ou pouco discutidos, resultando em amadurecimento, aprendizagem e transformação em sua maneira de pensar e tratar determinados assuntos, inclusive os que dizem respeito à relação da língua em nosso cotidiano e no mundo (exemplificados por ele na posição de poder que a língua inglesa exerce e ocupa na sociedade atual). Essa transformação acarretou também em algumas mudanças de ponto de vista, mas não necessariamente, de si próprio, como ele explica a seguir.

> **Vinheta 6**
> *A minha própria identidade, enquanto estudante de Letras e, anteriormente, enquanto estudante técnico em Automação Industrial, talvez não mudaram muito. Continuo igualmente fascinado pelo universo acadêmico, pelas possibilidades que a pesquisa e o desenvolvimento científico trazem não só para si mesmo, mas para uma nação inteira também. Prova disso é o meu empenho, iniciado no ensino médio, em produzir sempre trabalhos embasados por pesquisas anteriores, e a busca por desenvolver projetos paralelos ao currículo normativo, o que fiz ainda no IF e procuro e espero conseguir na universidade.* (Ensaio sobre identidade)

Apesar de ser um estudante universitário e possuir outra mentalidade de quando era adolescente, certas coisas continuam tendo o mesmo significado para ele. Ainda que o estudante reconheça que o curso de Letras tenha favorecido outras experiências de

ampliação de conhecimento, ele acredita que pelo pouco tempo de curso, não observou mudanças drásticas, mas é possível inferir pelo menos uma atualização no entendimento de alguém que já chegou ao curso interessado pela vida acadêmica. Além disso, o jovem nos conta sobre sua identidade e em como ela é, a seu ver, pouco mutável, de forma que, apesar de mudanças de ponto de vista, enxerga a si mesmo, depois do primeiro período como muito próximo do estudante que era antes.

### Reflexões sobre primeiras experiências no curso de Letras - Santos

Santos, estudante do curso Letras – Língua Portuguesa contemplou diversos temas durante a disciplina de Linguística Aplicada, um deles sendo, assim como Mauro, a relação entre o ensino-aprendizagem no Brasil e seus problemas. Ele cita alguns fatores, já conhecidos, que impedem com que o ensino nas escolas públicas aconteça, mas, de acordo com o estudante, existe um fator que há de ser priorizado em prol da educação.

> **Vinheta 7**
> *A valorização dos professores deveria ser uma das prioridades, eles inspiram os alunos, os incentivam, pelo menos isso era o que deveria acontecer. Eu quero me tornar professor para retribuir à sociedade o conhecimento que me foi apresentado, quero mostrar aos alunos o benefício de ver o mundo de forma crítica, de ter opiniões por conta própria e é através da educação que essas qualidades nos é apresentada. Eu não ligava para a escola até o ensino médio, mas quando minha professora de português disse que eu deveria focar no meu livro, na minha escrita e na minha inteligência, ela me deu esperança e inspiração.*
> (Ensaio sobre ensinar e aprender)

Segundo Oliveira (2014, p.06) o professor é quem

> acompanha o aluno, medeia o conhecimento, faz parte do processo pedagógico efetivamente. É ele que enfrenta as dificuldades de aprendizagem do aluno, as carências afetivas destes, e principalmente sabe como adequar os conhecimentos prévios dos educandos aos conteúdos curriculares da escola.

Dessa forma, sugere ainda que "o professor precisa também sentir-se motivado a caminhar frente às exigências da sociedade" (Oliveira, 2014, p.06). O excerto traz o exemplo de um estudante de licenciatura que já chega ao curso consciente de querer seguir na carreira docente, apesar das limitações comuns do ofício. É importante observar que ele ilustra o sentido da profissão a partir de uma vivência anterior: ter uma aptidão (neste caso a escrita) reconhecida por uma professora que lhe dava incentivo, o que resgata o impacto de transformação – na história do desenvolvimento – que se dá na interação com o outro (Vigotski, 2018 [2001]). A partir da fala do jovem, podemos perceber que ele enxerga o professor como um profissional que inspira e que por esse motivo deve ser valorizado. Este pensamento carrega uma carga emocional muito afetuosa, sugerindo que ele possivelmente deseja causar o mesmo impacto em outras pessoas (além de escrever seu livro).

O estudante traz consigo também seu ponto de vista em relação à globalização.

**Vinheta 8**

*Minha visão (sobre globalização) antes dos vídeos era o mesmo ponto de vista do Milton (Santos) e do (José) Saramago, porém não dessa forma mais perversa da Globalização, ou seja, eu tinha conhecimento que a Globalização não era vantajosa, pois beneficia quem possui poder econômico e a cada dia que passa esse poder tende a aumentar, mas, por exemplo, no documentário foi a primeira vez que eu soube sobre o que aconteceu na Bolívia sobre a privatização da água e o quão absurdo foi isso (...).*

(Ensaio sobre globalização)

Para a escrita deste ensaio foi necessário que Santos assistisse a entrevista do escritor José Saramago concedida ao Jô Soares em 2002 (Programa do Jô - TV Globo) e o documentário intitulado: *Encontro com Milton Santos – O mundo global do lado de cá* (2001). Em sua entrevista, Saramago fala sobre suas preocupações em relação aos diversos problemas sociais e ao listá-los, enfatiza não estar, em nenhum momento, sendo pessimista, mas sim falando sobre a realidade, explicando sobre seu inconformismo com o mundo cruel até aquele ano da entrevista.

Apesar de sua visão sobre o assunto se manter pouco alterada ao decorrer dos anos, através do documentário, o estudante teve uma tomada de consciência e pôde perceber partes da globalização até então desconhecidas e em como esta pode ser ainda mais cruel do que se imagina. As visões pouco alteradas do jovem também se aplicam à sua própria identidade.

**Vinheta 9**

*Minha identidade com o início da faculdade não mudará, disso eu tenho certeza, uma coisa que eu aprendi com os relacionamentos e amizades é de que devemos ser nós mesmos e nunca mudar pelos outros, é claro que sempre aprendemos coisas novas todos os dias e isso nos molda para o melhor de nós mesmos. Porém, sempre mantendo a nossa essência. Sempre serei ansioso ao me deparar com atividades, ao conversar com pessoas diferentes, com pessoas que nos inspiramos; sempre pensarei demais ao me deparar com algo novo, ao me expressar com alguém; meu lado criativo sempre estará associado à escrita, consigo me expressar melhor com as palavras, pois quando escrevo é automático, é algo que me relaxa e é algo que sempre fará parte de mim. Identidade na minha percepção é isso, um conjunto de sentimentos, pensamentos, ações e que nos fazem ser quem somos.*

(Ensaio sobre identidade)

Com as falas do estudante podemos perceber sua vivência como uma soma de suas personalidades e eventos vividos. Diferente de Cacau e Mauro, vemos, no jovem, certa resistência no que diz respeito à sua identidade, já que ele a vê como uma essência que não muda. O ambiente universitário, apesar de não o ter mudado de maneira direta permitiu, através da participação e interação com o meio, que ele se desenvolvesse em vários aspectos. Neste momento da história de Santos, pudemos observar as diversas reflexões e a ampliação de seu pensamento em relação a alguns conceitos, e a importância, para ele, da valorização do professor. Além disso, reflete sobre sua identidade e em como ela é, a seu ver, sempre a mesma, sem muitas mudanças. Ainda que Santos demonstre refletir e aprender com os colegas de curso ao longo das aulas, ele não se vê diante de grandes

mudanças sobre a visão que construiu de si (sua identidade). Ele demonstra uma visão de identidade mais próxima do que Hall (2006) descreveu como identidade sociológica, ou seja, que mantém em si uma essência, mas reconhece, em alguma medida, o papel da interação social.

### Reflexões sobre primeiras experiências no curso de Letras - Luana

Luana, a estudante de Letras – Língua Inglesa, aborda várias problemáticas ao decorrer do primeiro semestre, uma delas sendo a relação entre a língua e seus falantes, tendo a si própria como exemplo.

> **Vinheta 10**
> *Às vezes (...) encontro-me tentando mudar meu discurso para parecer mais "brasileira", muitas vezes inconscientemente pelo medo de me sentir excluída. "Donde fueres, has lo que vieres" acho que existe esse ditado no português também, mas não o lembro kkkk. Isso me faz claramente me questionar muito sobre minha própria identidade, quem sou eu e porque essa pergunta ressoa em mim tão diferente aqui quanto na Colômbia.*
> (Ensaio sobre pesquisas em Linguística Aplicada)

Por ser uma estrangeira no Brasil, a estudante, por muitas vezes, vivencia o dilema encontrado por aqueles que falam línguas para além de sua língua materna. Ao analisarmos as falas de Cacau e Mauro vimos que o desejo de soar como um nativo é um problema recorrente ao falarmos do inglês, porém, ao observarmos a situação de Luana podemos perceber que, esse fator ocorre também em outros idiomas, claro, com algumas diferenças, já que "soar como um nativo" quando se trata da língua inglesa vem de uma imposição e de um problema estrutural e ideológico muito mais profundo. O ditado em espanhol utilizado pela estudante, que, em português equivale à frase "quando em Roma, faça como os romanos", exemplifica bem sua situação enquanto colombiana no Brasil, o desejo de pertencimento e de se misturar entre os brasileiros, para que não seja apontada como estrangeira a todo o momento (medo de exclusão), porém, à medida em que entrou em contato com as redes sociais para aprender línguas, Luana pôde desconstruir certos pensamentos e perceber que o inglês ou o português "perfeito" não existem, demonstrando certo amadurecimento.

Para temas além das linguagens, a estudante também discutiu problemas intrínsecos à globalização.

> **Vinheta 11**
> *Ao encontrar textos como os do documentário de Milton Santos e da entrevista de José Saramago, que denunciam a desigualdade no mundo, agora aprofundada pela pandemia, percebo como todos fomos marcados por essa realidade injusta e bizarra. De fato, o mundo está avançando à custa do sofrimento de milhares de pessoas que não têm outra opção. Mais do que seguir a linha de consumo, [parecem] escravos do sistema capitalista neoliberal que responsabiliza o indivíduo pelas circunstâncias inumanas nas quais se encontra. E mesmo que sejamos "conscientes" disso, não queremos, sabemos ou podemos fazer nada.*
> (Ensaio sobre globalização)

Ao estudar sobre o tema durante a disciplina, a estudante pôde relacioná-lo com o momento em que vivia durante a pandemia de COVID-19, percebendo a desigualdade existente em nossa sociedade enquanto somos incapazes de reagir. Esse fator é apenas uma demonstração da globalização como perversidade, uma vez que, segundo Freire (1996, p.65) "uma das eficácias de sua ideologia fatalista é convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo, de que não há nada a fazer, mas seguir a ordem natural dos fatos".

Além do conhecimento adquirido ao longo do primeiro semestre de Letras, como a indignação sentida ao refletir sobre globalização e pandemia, Luana passou também por sinais de mudanças identitárias devido ao curso e detalha essas questões a seguir.

> **Vinheta 12**
> *Constantemente estamos criando biografias que sustentem nossa identidade, dependendo do contexto em que estamos, quando alguém pede para nos apresentar, para falar sobre nossas experiências, para contar a nossa história e manter uma coerência. Mas, qual história criamos para nós mesmos? Ao acordar de manhã, ao deitar à noite para dormir, que tão conscientes somos ao escrevermos essa história dia a dia? E ainda mais, como isso influencia nossa construção identitária? Indiscutivelmente, minha resposta, e os questionamentos em si, são produto de construções ideológicas e filosóficas que construí a partir das aulas do PLE e do período 20.1. Portanto, estou ciente de que o curso de Letras, não somente tem mudado a minha leitura do mundo e de mim mesma, senão minha vida também. Desde o momento que decidi estudar português para viajar para o Brasil, tomei uma série de decisões que, ao se confrontar com as minhas identidades mais arraigadas, me permitiram divisar mais inteiramente quem sou e qual o meu propósito. Mesmo não sabendo muito bem o que estudaria e qual seria minha área de atuação, a esperança de um futuro que me pertencesse, me fez evoluir duma forma impressionante.* (Ensaio sobre identidade)

A vivência de Luana no ambiente universitário e os temas abordados durante a disciplina de LA permitiram que a estudante amadurecesse em diversos aspectos de sua vida, em especial ao levarmos em conta o fato da mesma ser uma estudante que aprendeu português há poucos anos. Todas as mudanças pelas quais ela passou tiveram influência direta em sua identidade, a tornando na pessoa que é hoje. Ao longo das narrativas de Luana observamos suas opiniões em relação à educação, o seu desejo de se integrar com os brasileiros e o impacto da identidade "imigrante" que a diferencia. Vimos também relatos de mudanças em sua vida que transformaram sua identidade e a maneira em como ela vê o mundo.

## Considerações finais

Ao decorrer desta pesquisa propomos analisar as experiências de quatro estudantes ingressantes no curso de Letras, tendo como foco suas vivências durante a disciplina de Linguística Aplicada. A partir do conceito de *perezhivanie* (Vigotski, 2018 [2001]), em uma perspectiva histórico-cultural (Toassa, 2009; Mok, 2015; Fleer; González Rey; Veresov, 2017; Veresov, 2017; Huh; Kim, 2021; Smirnova, 2023; Lima; Mapa, 2022, 2023;

Lima; Mendes, 2024) buscamos compreender através de narrativas e comentários pessoais (Webster; Mertova, 2007; Trahar, 2011;), as primeiras experiências durante a graduação e expectativas em relação ao que já estão aprendendo (amadurecimento). Em resumo, desejávamos descobrir quais foram as relações e interações destes estudantes com seu meio (sua *perezhivanie*) e seu papel nas posições que o sujeito assume (identidade) sobre sua experiência no curso ao longo das narrativas.

Durante o primeiro semestre do curso, nos textos escritos pelos estudantes, suas identidades são convocadas nas reflexões sobre temas em que suas visões de mundo vão sendo reveladas nos mais variados textos, sob a forma de conceitos cotidianos. E, por sua vez, alguns conceitos científicos são introduzidos no curso e parecem emergir no processo de escrita (Ensino, o Inglês como Língua Franca, globalização, apenas para citar alguns) sendo relacionados com histórias anteriores e atuais (experiência empírica). Além disso, algumas mudanças são evidenciadas, por meio de tomadas de consciência de si e da reflexão sobre como tem sido a sua relação com o curso escolhido. No quesito mudanças identitárias não há consenso entre os analisados. Duas participantes (Cacau e Luana) reconhecem o quanto a inserção no meio universitário possivelmente impactou suas identidades, fazendo com que desenvolvessem novas habilidades e maneiras de pensar e ler o mundo a partir das novas vivências. Mauro Lúcio e Santos, por sua vez, acreditam não terem sofrido mudanças significativas, porém, ao longo da disciplina ampliaram e/ou passaram a ter visões diferentes sobre os assuntos trabalhados, o que demonstra amadurecimento e, de certa forma, algum impacto em suas identidades, apesar de suas visões fixas sobre o conceito, conforme relataram.

Os sinais de mudança se evidenciam nas trajetórias pelos indícios de amadurecimento das narrativas. Se primeiro a aprendizagem de uma língua estrangeira era carregada por uma dimensão emocional de válvula de escape, uma estratégia se sobreviver ao caos adolescente, agora ela se torna caminho para o mundo profissional, seja na atuação via tradução ou na possibilidade de ensinar uma língua adicional para outras pessoas (no caso de Cacau e Laura). O apreço pela leitura e pela escrita também evoluem de interesses pessoais que agora ampliam uma relação cada vez mais afetuosa com a língua materna (no caso de Mauro Lúcio e Santos). No curso de Letras, elas se tornam caminhos para pensar rumos da educação, mas também outros interesses pessoais com a escrita criativa e a vida acadêmica. Ainda que entre os três participantes que cursavam a licenciatura, a docência aparece timidamente nas reflexões (e porque até pouco tempo ainda eram estudantes do ensino médio), ela desponta como um possível interesse, sinalizando a responsabilidade do curso de formação em promover oportunidades (e desafios) para que as vivências tragam como resultado uma formação sólida e socialmente comprometida.

Enquanto as vivências de uma trajetória são incertas, concluímos com a certeza de que esse aspecto subjetivo muito pode contribuir para o campo da Linguística Aplicada ao adentrar processos tão complexos e muitas vezes subestimados. A relação do ser humano com o meio social vai além da visão unidimensional de um personagem em um

pano de fundo e os relatos aqui evidenciam essa complexidade que se revela em tons emocionais. A relação com novos saberes introduzidos no curso mostra a integração daquilo que já sabiam (seus conceitos cotidianos), com novos saberes introduzidos (nos exemplos de conceitos analisados anteriormente, um caminho importante nessa nova trajetória (o pensamento conceitual dos futuros professores). A proposta de traçar diferentes perfis narrativos é uma tentativa de contribuir com a difícil tarefa de formação profissional que acontece na universidade e os dados aqui apresentados podem sinalizar um perfil contemporâneo a ser levado em conta ao propormos nossas disciplinas e ao desenharmos os diferentes currículos de formação do curso de Letras que incorporem vivências e conhecimentos anteriores, contribuindo para futuras vivências e novos conhecimentos cada vez mais sólidos da profissão.

## Referências


BARKHUIZEN, G. Narrative research in language teaching and learning**. Language Teaching**, Cambridge, vol.47, n.4, p.450-466, 2014.

BLUNDEN, A. Translating Perezhivanie into English. **Mind, Culture and Activity**, Reino Unido, vol.23, n.4, p.1-10, 2016.

CASSEMIRO, M. Uma investigação sobre a construção de conhecimentos teórico-práticos na formação inicial de professor de língua inglesa a partir de uma perspectiva sociocultural. In: DELLAGNELLO, A.C.K.; VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Orgs.). **Estudos sobre ensino-aprendizagem e formação de professores de línguas de uma perspectiva sociocultural**. Campinas: Pontes Editores, 2020, p.99-124.

ELLIOT, J. **Using narrative in social research**: qualitative and quantitative approaches. London: SAGE, 2005.

SERRANO, L. **O sonho da faculdade**: Pesquisa mostra que 80% dos jovens querem ingressar no ensino superior em 2024. Exame, 08 dez. 2023. Disponivel em: https://exame.com/carreira/o-sonho-da-faculdade-pesquisa-mostra-que-80-dos-jovens-querem-ingressar-no-ensino-superior-em-2024/. Acesso em 02 jun. 2024.

FLEER, M.; GONZÁLEZ REY.; VERESOV, N. **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity**: Advancing Vygotsky's Legacy. Berlin: Springer, 2017.

FLEER, M.; ADAMS, M.; GUNSTONE, R.; HAO, Y. Studying the landscape of families and children's emotional engagement in science across cultural contexts. **International Research in Early Childhood Education**, Melbourne, vol.7, n.1, p.122-141, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUH, M-H.; KIM, M-S. Developing L2 Identity Through the Perezhivanie of Learning: A Case Study of Two Students in Jeju Island. **English Teaching**, Coreia do Sul, vol. 76, n. 3, p. 159-180, 2021.

KITCHEN, J.; PARKER, D.C.; PUSHOR, D. **Narrative Inquiry into curriculum making and teacher education**. Bingley: Emerald Publishing Group, 2011.

LIMA, F. S. **Trajetórias em espiral:** a formação histórico-cultural de professores de Inglês. 318 f. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP, São José do Rio Preto, 2017.

LIMA, F. S.; MAPA, T.V.P. O caminho até o curso de Letras: perezhivanie, narrativas e meio social. **Horizontes de Linguística Aplicada**, Brasília, vol. 21, n.2, p. 1-12, 2022.

LIMA, F. S.; MAPA, T.V.P. O presencial, o remoto e o caos: Perezhivanie de uma estudante de Letras. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Taubaté, vol. 28, n.2, p. 84-104, 2023.

LIMA, F. S.; MENDES, G.T. Sobre quando decidi fazer Letras: perezhivanie e trajetórias narrativas. **The ESPecialist**, São Paulo, vol. 45, n.3, p. 183-207, 2024.

LONGARAY, E. A; LIMA, M. S. Os vários nomes do Inglês na era global. **Revista do Gelne***,* Rio Grande do Norte, v.12, n.1, p.38-53, 2010.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, L.P.; FABRÍCIO, B. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v.17, n.4, p.711-723, 2019.

MOK, N. Toward an understanding of perezhivanie for sociocultural SLA research. **Language and Sociocutural Theory**, Sheffield, vol.2, n.2. p.139-159, 2015.

NORTON, B**. Identity and Language Learning**: Extending the Conversation. 2ª edição. Bristol: Multilingual Matters, 2013.

OLIVEIRA, W. M. Uma abordagem sobre o papel do professor no processo ensino/aprendizagem. **Revista Eletrônica – Múltiplo Saber**, Londrina, vol.23, n.01, p.01-12, 2014.

PENNYCOOK, A. **Critical Applied Linguistics**: A Critical Re-Introduction. New York: Routledge, 2021.

PEZZINI, C. C.; SZYMANSKI, M. L. S. Falta de desejo de aprender: causas e consequências. Programa de Desenvolvimento Educacional. In: **SEED/PR. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense. PDE 2007/** Produção Didática. Curitiba: SEED/PR, v.02, p.21-43, 2011.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHIMIDT, S. **Morrer sem oxigênio em Manaus, a tragédia que escancara a negligência política na pandemia.** El País Brasil. 14 jan. de 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-15/morrer-sem-oxigenio-em-uma-maca-em-manaus-a-tragedia-que-escancara-a-negligencia-politica-na-pandemia.html. Acesso em 02 jun. 2024.

SMIRNOVA, L. Teacher's motives, agency and Vygotsky's notion of perezhivanie. **The European Journal of Applied Linguistics and TEFL**, Halifax, v.12. n.1, p.1-16, 2023.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USP, São Paulo, 2009.

TRAHAR, S. (Org.). **Learning and Teaching Narrative Inquiry**: traveling in the borderlands. Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2011.

VERESOV, N. The Concept of Perezhivanie in Cultural-Historical Theory: Content and Contexts. In: FLEER, M.; GONZÁLEZ REY.; VERESOV, N. **Perezhivanie, Emotions and Subjectivity**: Advancing Vygotsky's Legacy. Springer, p.47-70, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1934].

VIGOTSKI, L.S. **Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Tradução de Zoia Prestes, Elizabeth Tunes e Cláudia da Costa Guimarães Santana. – 1ª edição, Rio de Janeiro: EPapers, 2018 [2001].

WEBSTER, L.; MERTOVA, P. **Using Narrative Inquiry as a Research Method**: an introduction to using critical event narrative analysis in research on learning and teaching. London/New York: Routledge, 2007.